

■ HISTORIADOR DESFAZ MITOS E ESCLARECE EQUÍVOCOS EM LIVRO

A Descolonização no testemunho de Pezarat Correia

A Descolonização em África é um feito dos colonizados, que resulta de um longo processo de resistência permanente dos povos e que Portugal apenas colabora devido ao 25 de Abril. Eis, em resumo, a tese do historiador Pedro de Pezarat Correia, militar com experiência nas ex-colónias, que defendeu o doutoramento em 2017, aos 85 anos, e cuja publicação é apresentada em Luanda pela Mayamba.



Gaspar Micoló

A História da Descolonização está cheia de mitos e equívocos, sobretudo aqueles alimentados pelo colonizador. Pedro de Pezarat Correia, oficial português reformado desde 1986, que fez seis comissões de serviço durante a guerra colonial, na Índia, em Moçambique, em Angola e na Guiné-Bissau, dedicou-se a desfazer equívocos e mitos que ainda “povoam” a historiografia portuguesa.

Participante na movimentação militar que desembocou no 25 de Abril de 1974, e integrante do Conselho da Revolução, Pedro Pezarat Correia, que nasceu no Porto, em 1932, concluiu, em 2017, aos 85 anos, o seu doutoramento na Universidade de Coimbra, com a tese “Descolonização: do protonacionalismo ao pós-colonialismo”. O trabalho agora em livro, que é lançado hoje, em Luanda, numa edição da editora Mayamba e prefácio de Pepetela, é, em grande parte, fruto da tese e de algu-

mas das ideias já expostas na longa bibliografia do autor, nomeadamente, no livro “Descolonização de Angola. A jóia da coroa do império português”, de 1992.

Trata-se do texto da tese “ampliado”, com o propósito de “contribuir para a clarificação epistemológica e histórico-política da problemática da descolonização em geral e das colónias portuguesas em África em particular”, já que o referido tema, apesar de já contar com abundante bibliografia, continua a merecer “um tratamento nos *media*, nos meios políticos, militares e mesmo académicos, que evidenciam vícios e equívocos de base que distorcem o seu contexto”.

Foram três anos de trabalho para redigir a tese, mas, acima de tudo, “um percurso completo de vida” que passou por uma carreira militar e duas comissões em Angola. Foi, aliás, a partir de Luanda que Pezarat Correia participou no plano de operações do 25 de Abril.

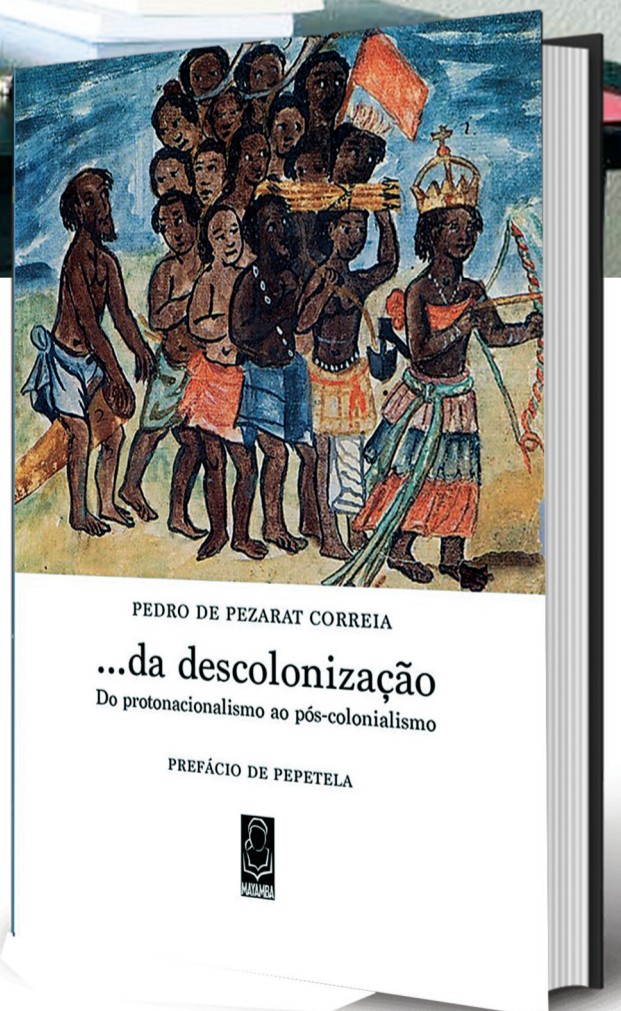
Assim, “para clarificar o

entendimento do contexto”, o historiador reitera categoricamente que em Portugal predomina ainda uma perspectiva viciada do colonizador, colocando-o como protagonista da descolonização. “(...) Portugal colonizou. Portugal foi agente do processo histórico. De igual forma, os povos dessas paragens resistiram, tomaram consciência da sua condição, organizaram-se, insurgiram-se, combateram, embora a tendência que ainda exista seja a de considerar que a descolonização se seguiu à guerra colonial, ao 25 de Abril, à transferência do poder. O que considera um erro, já que a transferência do poder foi uma fase já muito avançada do processo de descolonização.

Para combater uma certa mentalidade preconceituosa que bloqueia esse entendimento, Pedro de Pezarat Correia defende, ao longo do trabalho de mais de 700 páginas, que Portugal entra no processo de descolonização, não inicia o processo de descolonização, embora a tendência que ainda exista seja a de considerar que a descolonização se seguiu à guerra colonial, ao 25 de Abril, à transferência do poder. O que considera um erro, já que a transferência do poder foi uma fase já muito avançada do processo de descolonização.

“Portugal colonizou; os colonizados descolonizaram-se e conquistaram a independência; na descolonização, Portugal participou na transferência do poder, mas é um equívoco, recorrente, confundir transferência do poder com descolonização”.

O historiador cita obras como “A História de Angola”, de Elias Alexandre da Silva Corrêa, crónica dos feitos dos 58 governadores que estiveram à frente da “conquista de Angola” até à publicação do livro em 1792; e o trabalho homónimo de René Pelissier, que faz o mesmo relato dos governadores entre 1879 e 1926, para mostrar como os actuais territórios que constituem Angola se transformaram desde muito cedo num “teatro de resistência sistemática e persistente dos seus povos”, aliás, como sublinha o historiador francês, citado na obra, “nunca na África negra os povos combateram e se sublevaram com tal frequência e de maneira tão maciça para recusar a colonização europeia ou para a repelir”. Pelo que,



reafirma Pezarat Correia, fica assim desfeito o equívoco de interpretar a independência como uma dádiva que o dominador concedeu ao antigo dominado.

No seu estudo, Pezarat Correia elenca então 21 questões

a tratar, de que se destacam desde logo a perspectiva do colonizador, investindo numa visão redutora, condicionada, distorcida, sempre no sentido de confundir o processo de descolonização; a guerra colonial no patamar

armado da luta de libertação que o colonizador procurou manter confinada ao patamar político; o contributo para despertar as consciências dos portugueses para a realidade colonial, até aí alheados do seu verdadeiro contexto, maioritariamente indiferentes ou mesmo favoráveis à manutenção do Império; o isolamento externo de Portugal; a inviabilidade da guerra e a inevitabilidade do seu termo.

A experiência militar na ex-colónia serve de base para o 'estudo de caso' que fundamenta a tese. A descolonização angolana é apresentada como um exemplo paradigmático da forma como Portugal participou do processo de independência dos territórios ultramarinos, mas a principal novidade é a intenção do autor de se colocar do ponto de vista do colonizado, que é o verdadeiro protagonista de todos os processos de descolonização, desde a luta pela libertação à independência, e até mesmo em todas as contradições que advêm da construção e afirmação da identidade.

"O colonizado descoloniza, o colonizador coloniza, nunca o contrário. Por isso, é necessário o colonizado fazer uma luta de libertação nacional, forçando o opressor a aceitar o princípio da descolonização", sublinha Pezeta, no prefácio, para quem a obra apresenta "um quadro geral muito completo do que foi esse processo de descolonização, ao arrepio da vontade da elite governante portuguesa", na pena de um oficial do Movimento das Forças Armadas e pessoa "profundamente honesta e humana", que "teve papel de relevo em algumas situações decisivas".

Na segunda parte da obra, Pezarat Correia aborda profundamente a transferência do poder em Angola, a então "jóia do império", que deveria ser paradigmática no processo de descolonização de todas as colónias. Ora, de pioneira na luta pela libertação, Angola tornou-se no caso mais complexo de transferência do poder, de independência e da consolidação da identidade nacional. Aqui, é dissecado o Acordo de Alvor, desde a sua construção até ao seu fracasso, para o qual Pezarat Correia aponta três ordens de razões, nomeadamente, as cisões internas dos movimentos armados; a fragilidade da parte portuguesa; e as intervenções externas, com incidência no singular comportamento das Nações Unidas (ONU). Uma guerra civil infanda foi o que se seguiu. Ou, como reconheceu o historiador Jean-Michel Mabeko Tali, para os três movimentos, o Acordo de Alvor representou apenas, além da legitimação internacional e do reconhecimento mútuo, a eliminação de outros intervenientes na cena política angolana, já que, longe de almejem uma coexistência democrática, a FNLA, o MPLA e a UNITA visavam dar continuidade às hostilidades recíprocas de longa data na conquista efectiva do poder.



O equívoco de N'Zau Puna



Aderente, desde as suas origens, ao Movimento dos Capitães, depois MFA, a que se deve o 25 de Abril, Pezarat Correia estava em Angola onde assumiu, por escolha dos camaradas, funções de responsabilidade no MFA. Ainda assim, embora tivesse experiência que lhe permitisse embarcar para uma temática memorialista, o historiador socorre-se de obras de referência para sustentar as suas teses.

O autor, por exemplo, qualifica como "fantasia" a ideia de N'Zau Puna segundo a qual "Portugal decidiu, em Alvor, fazer de Cabinda parte integrante de Angola", constante na sua obra "Mal me querem", publicada em 2011 e apresentada em Julho passado, em Luanda. Lembrar do que Puna, natural de Cabinda,

lá fez o ensino primário e o secundário em Malanje, num seminário, "(...) sabia que, naquela altura, Cabinda era distrito de Angola. A sua cultura podia não chegar ao ponto de saber que sempre o tinha sido, mas não podia deixar de ter aprendido na escola a realidade geográfica de Cabinda como parte de Angola".

Pezarat Correia lembra igualmente que Puna ingressou na UPA, que reivindicava, nas suas bases programáticas, a "integridade territorial de Angola", incluindo Cabinda. Assim, Pezarat Correia chama à colação a obra do historiador angolano Alberto Oliveira Pinto, "História de Angola - da Pré-História ao Início do Século XXI", para fundamentar a sua posição, lembrando que essa obra "é fértil em

informação que demonstra como as relações entre cabindas e Portugal, mesmo antes de 1885, já passavam pelas autoridades de Luanda e como, depois disso, Cabinda fez sempre parte de Angola".

Pezarat Correia não desfaz somente o equívoco de Puna, como aproveita para refutar posições de dois livros publicados por autores portugueses. Trata-se dos livros de Silva Cardoso, alto-comissário nomeado na sequência do Acordo de Alvor, "Angola - Anatomia de uma tragédia", que já vai na sua sétima edição, e de Alexandra Marques, jornalista, em cuja obra "Segredos da descolonização de Angola" nota-se influência do primeiro. O autor considera ambos "saudosistas de um "épico e glorioso" passado

colonial, nunca conformados com o inevitável encerramento do seu ciclo histórico; segmentos dos chamados retornados das colónias, que nunca foram capazes de reconhecer como e por que tinham sido ludibriados com as promessas de um futuro que assentava em realidades conjunturais injustas e utópicas".

Na sua obra, Silva Cardoso chega mesmo a dizer que "(...) no Alvor, ia-se de forma hipócrita tentar que o mundo acreditasse na «isenção» dos responsáveis portugueses quanto à transferência do poder em Angola", afirmações que espera que sejam válidas por ter integrado a delegação no Alvor e ter participado em muitas acções preparatórias da cimeira. Mas Pezarat Correia não desconta: "nunca se lhe

ouviu durante toda a cimeira, nas sessões formais ou nas inúmeras ocasiões em que, nos intervalos, nos momentos de convívio, conversou com os outros membros da delegação que integrava, qualquer crítica ou reserva em relação ao que, pela parte portuguesa, se estava a negociar".

Quanto ao livro de Alexandra Marques, Pezarat Correia considera que "fez um aproveitamento abusivo de um equívoco sobre o encontro de Argel, que nascera com o livro de Silva Cardoso, empolou-o e distorceu o seu verdadeiro significado, apenas com a intenção de justificar a conclusão prévia, e preconceituosa, que atravessa todo o livro: que o MFA beneficiou o MPLA face aos outros movimentos".

Do lado do colonizador, mas do lado certo da História

Oficial de infantaria, Pezarat Correia dá assim com o seu livro "um mero contributo de um observador que se situava do lado do colonizador", como diz na obra, mas que sempre se posicionou no lado certo da História. "É uma personalidade com um percurso fascinante. Das coisas que mais atraí nele e mais me encanta é esta energia inesgotável. É um caso muito raro de longevidade física e de lucidez intelectual", disse recentemente Maria Manuela Cruzeiro, autora do livro "Pezarat Correia, do lado certo da História", que é uma longa entrevista a Pezarat Correia que é - como refere Rui Bebião, no prefácio - "um livro de memórias indispensável para a compreensão da nossa história recente e das escolhas que a foram compondo". Manuela Cruzeiro lembra que sempre "quis ficar do lado certo da História" e que "não é um contestatário

de última hora". "Preparou, sonhou longamente com o 25 de Abril".

Pedro de Pezarat Correia nasceu no Porto, em 16 de Novembro de 1932. Fez o curso liceal no Colégio Militar e a licenciatura em Ciências Militares na então Escola do Exército, em 1954. É oficial general reformado desde 1986. Na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra instalou e leccionou a cadeira de Geopolítica e Geoestratégia. Conferencista no IDN, UAL e outros institutos superiores militares. É autor e co-autor de muitas dezenas de livros e trabalhos sobre geopolítica e geoestratégia, estratégia e conflitos, 25 de Abril, Guerra Colonial e descolonização. Especificamente na área militar é autor de Centuriões ou pretorianos e Manual de Geopolítica e Geoestratégia, este último várias vezes reeditado desde 2002.



Pezarat Correia, militar de carreira, é um caso muito raro de longevidade física e de lucidez intelectual